

INFORME FIBRA

A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL

CRONOLOGIA DA CRISE

2001

O Banco Central Americano (Federal Reserve) inicia uma trajetória de flexibilização da taxa básica de juros da economia, a fim de baratear os empréstimos e reaquecer o consumo, que vinha em processo de desaceleração com crise das empresas “pontocom”.

2002

A medida começa a surtir o efeito desejado. Os consumidores americanos respondem rápido aos estímulos gerados com o barateamento do crédito. O setor imobiliário acaba sendo o principal beneficiado com a redução das taxas de juros.

2003

A taxa de juros americana atinge o seu menor patamar desde 1950, alcançando 1% ao ano. Comprar uma casa passa a ser um bom negócio, não só para quem quer adquirir, mas para quem procura investir. O mercado imobiliário atinge seu auge.

2004

O Banco Central Americano (Federal Reserve) começa a elevar a taxa de juros básica da economia, em virtude da sinalização do aumento da inflação.

2005

Embaladas pelo “boom” imobiliário, as grandes companhias do setor começam a explorar um novo nicho de mercado consumidores de baixa renda, com histórico de inadimplência e com dificuldade de comprovar renda, o denominado segmento “subprime”.

Devido as suas características peculiares, o segmento “subprime” passa representar maior risco nas operações que os de outras categorias de crédito, elevando as taxas de retorno da negociação desses títulos.

Atraídos pela alta taxa de retorno dessas operações, grandes gestores de fundos e bancos nos EUA e Europa passam a adquirir títulos das companhias imobiliárias, gerando uma longa cadeia especulativa de venda desses papéis.

INFORME FIBRA

2006

Os preços dos imóveis nos EUA começam a cair. A elevação da taxa de juros americana, iniciada em 2004, encarecendo o custo do crédito, aumenta a inadimplência e afasta os consumidores, gerando um desaquecimento no mercado imobiliário.

Diante de um quadro de juros altos, aumento da inadimplência e o temor de calotes, o crédito desacelera nos EUA, afetando negativamente a economia.

Esse movimento gera um clima de desconfiança nos principais bancos da Europa, diante do temor da redução da capacidade de pagamento dos créditos “subprime” nos EUA, levando alguns bancos a adotarem medidas de prevenção.

2007

A liquidez do mercado financeiro americano se agrava e grandes bancos da Europa anunciam a seus investidores que eles não conseguirão resgatar o dinheiro investido.

Um dos principais bancos americano especializado em empréstimos “subprime” (New Century Financial) pede concordata e demite grande parte de seus funcionários. O mercado “subprime” começa a entrar em colapso e suas dívidas vão sendo repassadas para outros bancos.

2008

A crise se agrava com a redução da liquidez do mercado “subprime”, com o elevado índice de inadimplência e sucessivos prejuízos. Com isso, a crise atinge seu ponto de maior risco. Como resultado, duas das maiores agências hipotecárias dos EUA - *Fannie Mae* e *Freddie Mac* - dão sinais de que podem ir à falência. O volume de empréstimos para habitação nos EUA alcança US\$ 12 trilhões.

REFLEXOS NA ECONOMIA MUNDIAL

O aumento dos prejuízos e a escalada crescente da inadimplência bancária afetam negativamente a confiança na economia e se espalham por toda a rede bancária, gerando uma contração imediata na oferta de crédito, por parte dos principais bancos nos EUA e Europa.

Para cobrir os prejuízos gerados, os bancos são obrigados a resgatar seus investimentos, diminuindo abruptamente o volume negociado nas principais Bolsas no mundo.

INFORME FIBRA

Assim, tem início uma trajetória de quedas sucessivas nas bolsas de investimento. Entre janeiro e setembro de 2008, os principais índices de operações no mercado de capitais recuaram mais de 25%, o que agravou ainda mais a liquidez do mercado financeiro.

A crise afetou também as projeções de crescimento da economia mundial em 2008 e 2009. Segundo estudos divulgados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia mundial deve desacelerar “rapidamente” neste ano e continuar caindo em 2009, alcançando padrões abaixo do observado em 2002.

Para o FMI, a economia mundial deverá crescer 3,9% em 2008 e algo em torno de 3% em 2009, o menor nível em sete anos. Com relação a América do Sul e México, as projeções apontam um avanço de 4,6% em 2008 e de 3,1% em 2009.

REFLEXOS NA ECONOMIA BRASILEIRA

A exemplo das principais bolsas de investimento do mundo, as brasileiras também foram afetadas com a redução da liquidez do mercado financeiro dos EUA e Europa. Os investidores, temerosos com a dimensão que a crise possa ter, começaram a transferir seus recursos para investimentos mais seguros como, por exemplo, poupança, CDI etc.

As projeções de crescimento do PIB (valor total da produção de bens e serviços do País) são revistas. De uma previsão de expansão de 5,5% para 2009, as principais consultorias de análise econômica passaram a divulgar taxas menores: RC CONSULTORES (3%); STANDARD & POORS (2,8%); BEARS STEARNS (2,5%); BRADESCO (3%); BACEN (3,1%).

Para o FMI, o Brasil deverá crescer neste ano 5,2%, em linha com outras previsões feitas pelo mercado internacional. No entanto, para 2009 a expectativa é de uma forte desaceleração para 3,5%.

A crise afetará outras variáveis da economia. As exportações devem cair, em virtude do desaquecimento na economia dos principais países importadores do Brasil. Estimativas divulgadas recentemente pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) mostram redução do saldo das exportações brasileiras para este ano, de US\$ 208 bilhões para US\$ 203 bilhões.

O dólar deverá continuar oscilando, considerando a procura pela moeda. Em momento de crise, a demanda pela moeda americana tende a aumentar, tendo em vista a sua liquidez imediata.

INFORME FIBRA

EFEITOS NA CLASSE EMPRESARIAL

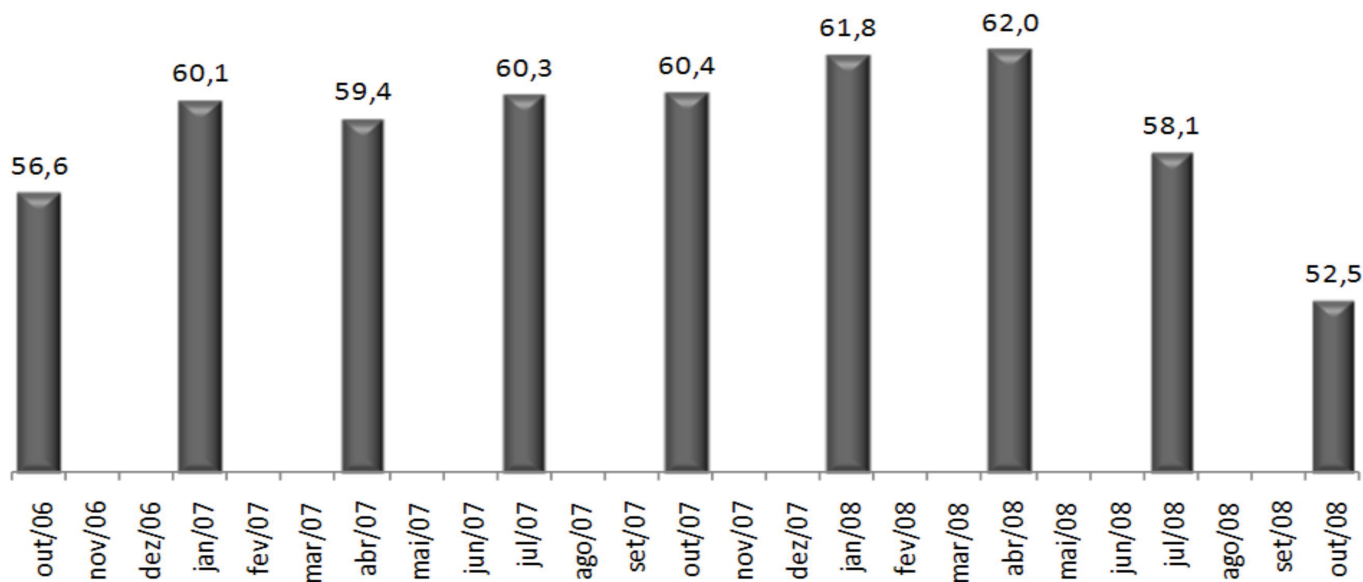
O acirramento da crise financeira internacional e o aumento das incertezas quanto ao cenário externo afetaram, de imediato, as expectativas dos empresários brasileiros.

Pesquisa divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra redução na confiança dos empresários da indústria para os próximos meses.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) passou de 58,1 pontos em julho para 52,5 pontos em agosto, assinalando queda de 5,6 pontos. Frente a outubro de 2007, o indicador recuou 7,9 pontos, conforme a CNI.

O índice de expectativas para os próximos seis meses recuou de 61,6 para 53,4 pontos.

Índice de Confiança do Empresário Industrial



Fonte: CNI